VIGOTSKI DESCONHECIDO: A EXPERIÊNCIA DE TRADUÇÃO LITERÁRIA DO HEBRAICO ANTIGO

UNKNOWN VIGOTSKI: AN ANCIENT HEBREW TRANSLATION EXPERIENCE
DESCONOCIDO VIGOTSKI: LA EXPERIENCIA DE TRADUCCIÓN LITERARIA DEL HEBRAICO ANTIGUO

Vladimir Sobkin[1]
Tatiana Klimova[2]

Resumo: No presente artigo, publicamos, pela primeira vez, uma tradução, até agora desconhecida, feita no início do século XX por L. S. Vigotski. Trata-se da tradução de um conto popular, escrito originalmente em hebraico antigo e de autoria do escritor judeu M. I. Berditchevski. Nos comentários que apresentamos, é reconstruído o contexto em que vivia L. S. Vigotski, no período pré-revolucionário. Atenção especial é dada à questão que estava diante dele sobre a autodeterminação nacional e cultural. São analisados os contextos culturais necessários para a compreensão e interpretação das peculiaridades artísticas e da visão de mundo contida no texto do conto. Faz-se uma comparação que mostra a ligação dos temas presentes no conto com problemas fundamentais dos quais se ocupará Vigotski, pouco tempo depois, como psicólogo profissional: a vivência artística, a escolha moral, a mediação cultural.
Palavras-chave: Psicologia da Arte. Psicologia das Emoções. Vivência Estética.

Abstract: In the present article, we publish for the first time a translation by L. S. Vigotski, so far unknown, of a popular tale, originally in ancient Hebrew and written by the Jewish writer M. I. Berditchevski. Vygotsky did it in the early twentieth century. In the comments, we reconstruct the context in which L. S. Vygotsky lived in pre-revolutionary period. Special attention is given to the question about national and cultural self-determination which was before him. It is also analyzed the cultural contexts which are necessary for the understanding and interpretation of the artistic peculiarities contained in the story translated. A comparison is made showing the connection of the themes in the tale with fundamental problems that Vygotsky occupied himself shortly afterwards as a professional psychologist: artistic experience, moral choice, cultural mediation.
Key words: Art Psychology. Psychology of Emotions. Aesthetic Experience (*Perejivanie*).

Resumen: En el presente artículo, presentamos por primera vez, una traducción, hasta ahora desconocida, hecha a principios del siglo XX por L. S. Vigotski. Se trata de la traducción de un cuento popular, escrito originalmente en hebreo antiguo y de autoría del escritor judío M. I. Berditchevski. En los comentarios que presentamos, e reconstruye el contexto en el que vivía L. S. Vigotski, en el periodo pre-revolucionario. La atención especial es dada a la cuestión que estaba ante él sobre la comprensión nacional y cultural. Son analizados los contextos culturales necesarios para la comprensión e interpretación de las peculiaridades artísticas y de la visión del mundo contenida en el texto del cuento. Se hace una comparación que muestra la relación de los presentes temas en el cuento con problemas fundamentales de las cuales Vigotski se va a encargar, poco tiempo después, como psicólogo profesional: la vivencia artística, la elección moral, la mediación cultural.
Palabras clave: Psicología del Arte. Psicología de las Emociones. Vivencia Estética.

[1] Doutor em Psicologia. Professor do Centro de Sociologia da Educação do Instituto de Educação da Academia Russa de Educação, Rússia. E-mail: sobkin@mail.ru

[2] Psicóloga. Professora do Instituto Ortodoxo do Santo Iohan Bogoslov de Moscou, Instituto Federal para o Desenvolvimento da Educação, Moscou, Rússia. E-mail: t-klim@list.ru.

A tradução de um pequeno conto-parábola que se oferece à atenção do leitor foi realizada por L. S. Vigotski, em 1916, sendo praticamente desconhecida até mesmo dos especialistas que, profissionalmente, se interessam por sua biografia e obra. Apesar de o texto da tradução do conto "*O resgate"*, de M. I. Berditchevski, escrito originalmente em hebraico antigo, ter sido publicado na revista semanal *Novi Put* e estar conservado no arquivo pessoal da família de Vigotski, ele não foi incluído em nenhuma lista bibliográfica que conhecemos de sua obra. Provavelmente, isso esteja relacionado ao cuidado na atribuição da autoria, já que a tradução está assinada com as iniciais "L. S." No entanto, esse argumento é pouco convincente, pois muitas outras publicações do autor foram assinadas desse modo e sua autoria não provoca dúvidas.

Bem mais convincentes são outras duas suposições. Uma delas é não querer chamar a atenção para a importância da "questão judaica" no processo de formação pessoal e desenvolvimento de Lev Semionovitch; a segunda é um olhar para aquele trabalho como algo secundário e pouco significativo, já que não é uma "obra original", mas "apenas uma tradução". Alguns fundamentos - ainda que poucos - são apresentados a seguir.

Realmente, se, para a geração mais velha de psicólogos que vivenciaram o período de combate ao cosmopolitismo, o tema das raízes judaicas de L. S. Vigotski era um tabu, hoje, esse aspecto de sua biografia pode ser discutido livre e abertamente. Além disso, podemos sublinhar que, no início de sua trajetória, o problema da identidade nacional e religiosa era-lhe extremamente significativo. Sobre sua sensibilidade extrema ao tema judaico (judofobia e antissemitismo) também testemunha, em particular, uma série de artigos seus publicados na *Novi Put*, assim como suas resenhas teatrais do período de Gomel (VIGOTSKI, 2015, p. 329). Em relação à importância e à atualidade dos aspectos religiosos, nessa etapa de sua vida, vale a pena comparar as datas das duas publicações. Ao concluir sua análise de *Hamlet* (final de março de 1916), L. S. Vigotski destacou que o próximo passo na análise da tragédia exigiria uma *compreensão religiosa*: "Aqui acabou a arte, começou a religião... Tudo é religião da tragédia que tem um único rito que é a morte, uma única virtude que é estar pronto, tem uma única oração que é a tristeza" (VIGOTSKI, 2015, p. 289). Um pouco mais tarde (em meados de outubro de 1916), ao desenvolver o tema, ele voltou-se para a tradução de uma *parábola filosófico-religiosa* sobre a vida dos hassídicos na qual a escolha moral do herói é resolvida *na oração e na vivência existencial (conto de M. I. Berditchevski, "O resgate").*

Apresento, agora, algumas palavras sobre a segunda suposição - a pouca importância da tradução, "um produto não autoral". Claro que essa atividade não era vista por L. S. Vigotski como secundária, mas como um tipo peculiar de *criação literária*. Basta referir-se aos famosos fatos que falam sobre seu interesse por problemas da língua, manifestado, com muita clareza ainda na adolescência (participação nas atividades da sociedade dos esperantistas, análise do *Eclesiastes*, etc.), tendo perpassado toda sua vida (DOBKIN, 1996; VIGODSKAIA, LIFANOVA, 1996). Vale também destacar o entusiasmo pela atividade de tradução entre os membros da família - as irmãs Clavdia e Zinaida tornaram-se autoras de dicionários russo-francês e russo-inglês e seu primo, David Isaakovitch Vigodski, já naquela época, ocupava-se com sucesso da tradução literária

de diversas línguas. É importante sublinhar, especialmente, que Lev Semionovitch cresceu num meio poliglota em que os membros da família dominavam o russo, o ídiche, o hebraico antigo (*ivrit*), o inglês, o francês, o espanhol, o alemão, o bielorrusso. Aliás, esse fato quase sempre é desconsiderado em análises referentes à formação social e ao desenvolvimento de sua personalidade, bem como aos seus interesses profissionais.

Dessa forma, a tradução que estamos publicando é, sem sombra de dúvida, uma obra de criação literária do jovem L. S. Vigotski, permitindo caracterizar algumas especificidades da formação de sua personalidade e de sua visão de mundo, nos anos em que era estudante universitário. Por isso, parece-nos extremamente importante o material escolhido para a tradução e a problemática do conto. Além disso, é também necessário destacar, especialmente, a peculiaridade da posição do próprio tradutor. É possível supor que, durante o trabalho, ao ocupar uma posição reflexiva peculiar em relação à fonte (texto do conto de M. I. Berditchevski), ele tenha conseguido compreender uma série de problemas culturais, artístico-estéticos, morais e éticos e, em especial, psicológicos que, posteriormente, seriam desenvolvidos em seus trabalhos científicos.

Algumas palavras sobre a composição da presente publicação. Apresentamos o texto da tradução, conservando as especificidades da edição dos materiais na Revista *Novi Put*. Ele é acompanhado de comentários que, a nosso ver, são necessários para sua compreensão. Nesses comentários, tentamos levar em consideração quatro aspectos que se seguem: 1) apresentar um material de consulta relativo à revista semanal em que foi publicado o texto e também a uma série de personalidades, com o objetivo de expandir as informações sobre o meio microssocial de relações do jovem L. S. Vigotski, no período pré-revolucionário; 2) definir com mais precisão os significados das palavras e dos contextos semânticos que podem parecer incompreensíveis ao leitor contemporâneo; 3) destacar peculiaridades estruturais e artísticas da elaboração do texto que merecem nossa atenção para avaliar o trabalho de L. S. Vigotski como tradutor literário; 4) acentuar nossa atenção em fenômenos psicológicos que guardam relação com o conteúdo do conto e sua recepção.

Uma parte do trabalho está ligada à reconstrução do conteúdo que será desenvolvido nos estudos posteriores de L. S. Vigotski-psicólogo; a apresentação da sua gênese nos parece importante para a compreensão da herança científica no âmbito da lógica da abordagem histórico-cultural. Assim, o presente artigo dá sequência ao ciclo de publicações dedicadas à análise dos primeiros trabalhos de L. S. Vigotski (SOBKIN, 1981, 2015; SOBKIN, LEONTIEV, 1994; SOBKIN, MAZANOVA, 2014 (a, b, c, d), 2015).

Nov Put, 16 de outubro de 1916, N. 39, p. 37-40

O resgate

(extraído de "*O livro dos hassídicos"*, de M. I. Berditchevski)

A sentença foi proferida.

Era a sentença de um judeu culpado que deveria ser enforcado, de acordo com o decreto real, caso não se encontrassem dois homens justos e pessoas de boa fé que testemunhassem, sob juramento, que ele não era culpado da acusação que lhe

imputavam... Esse judeu tem esposa e cinco filhos, pai e mãe idosos, velhos, que vivem às custas dele.

O rabino, um homem justo, Moishe, um dos convocados a proferir o juramento, era uma pessoa temente a Deus e honesto em todos os seus atos; porém, quando percebeu que a morte ameaçava o réu, que puseram tantas mós em seu pescoço, ele não decidiu de acordo com o que se diz: "a verdade é capaz de perfurar a montanha", mas disse a si mesmo: "a salvação da vida elimina tudo...". Ele pensou e chegou à conclusão de que poderia resolver jurar a si mesmo "e se, na realidade, é preciso ter medo do crime, decidiu o homem justo, em seu coração: melhor passar todos os meus dias em geena, caso não salve ao menos uma alma de Israel".

Porém, o homem justo rabino Rafael, seu companheiro de juramento, para quem toda piedade está na verdade, mantinha-se firme em sua opinião: é melhor que morram algumas almas de Israel do que violar uma letra sequer da verdade...

A esposa do réu e seus filhos não lhe davam sossego e, chorando, suplicaram durante dias para que salvasse o provedor da forca. Porém, ele permanecia firme em sua decisão e não dava atenção às súplicas.

Por alguns minutos, era dominado pela pena, olhava para os que pereciam e sua alma doía.

Em certos momentos, parecia também que ventos entravam e sopravam para sua consciência, para sua vontade...

O céu era negro, a terra era negra e a chuva caía na escuridão...

As sombras da morte governavam todos os cantos escuros da cidade. Em tudo estava o terror e as trevas; apenas lá, num pequeno quarto de uma das casinhas baixas, às margens da cidade, cintilava, nas pequenas janelas, uma luz turva que se derramava para fora; uma luz estranha como um brilho claro na neblina.

Lá estava sentada, em tristeza profunda, uma pessoa esquálida, de baixa estatura e de olhos fundos. Ora sentava-se, ora andava, ora levantava-se e corria pelo quarto e, depois, caía, estendendo os braços e os pés no chão, permanecendo deitada sem se mexer...

Sabia que amanhã seria o dia da decisão do destino de um de Israel, marido e pai, e esse destino estava em suas mãos...

A salvação da vida elimina tudo. Todo aquele que salva ao menos uma alma de Israel é como se salvasse o mundo inteiro; este é o homem justo, o rabino Moishe, seu companheiro, que fez o juramento e não admite fazer algo em desacordo com a Torá... Se esse homem justo permitiu, então, seus companheiros não podem impedir novamente, mas somente os superiores a ele em conhecimentos. Porém, o orgulho, para o mundo todo, é um pecado e um mal. Qualquer pessoa deve distanciar-se do orgulho e de tudo que possa dele decorrer, expulsando a pessoa desse mundo e do mundo futuro. Ele precisa fazer o juramento, mas como fará algo do que fugiu a vida inteira, até mesmo de sua sombra e vultos?...

Tremendo, seu corpo estremecia e o coração batia forte. O quanto trabalhou e se esmerou para se proteger da mentira! Em toda a sua vida, não disse rigorosamente "sim" para "sim" e "não" para "não" por medo de errar e cair em desvio... Em toda sua vida, não disse "eu vi" ou "eu ouvi" até mesmo sobre coisas que ele realmente viu, por medo de que os olhos e os ouvidos lhe enganassem. Em toda sua vida, jamais vestiu roupas estampadas, pois a aparência delas é como a mentira.

Em toda sua vida. E agora...

Ele sempre condenou as pessoas apenas por esse pecado, pois sabia que a mentira é a mãe da impureza, fonte de todos os pecados e a verdade, ao contrário, fonte do sagrado, base e pedra angular de todo o mundo... Tudo está numa única palavra - verdade - e ela é a marca do Santo, bendito seja Ele...

Recorda-se como seguia rigorosamente esse preceito de tal forma que todo aluno que havia pecado contra ele não podia ultrapassar a soleira de sua casa... Lembra-se que perdoava o homem por seus pecados se o percebesse como alguém que observava a verdade e não perdoava um devoto e um homem justo sequer se percebesse um grãozinho de mentira colado a ele.

Ele recorda-se. Mas amanhã...

Todos os seus dias, amargurava-se porque os outros depreciavam a verdade, mas entregou toda sua alma a ela e, agora, precisava fazer um juramento sobre o que não é verdade. Não. Ele não fará isso, não fará... Mas o sangue judeu será exigido dele? E a esposa? E os filhos?

A tempestade aumenta, o vento uiva. A chuva bate nos vidros do quarto e adentra a casa. A chama da vela está se apagando e ele emprega suas últimas forças, se agita...

Como seu rosto se transformou por causa da raiva! De repente, entusiasma-se, pula da cama e seu rosto arde em fúria e grita alto: Mentira! Monstro! Satanás pernicioso! Saia da minha casa! Fora, força impura! Não toque em mim!... Oh, seu espírito eu sinto-o na minha respiração, você exala o mal, você envenena, você sufoca. Corra! Vá embora!

E sem terminar de falar, caiu de toda a sua altura no chão.

A chuva cai, cai ininterruptamente. O vento chora e sopra sem cansar...

O mundo todo parece ter sido envolto em negro e mergulhado numa tristeza profunda que varava o coração. O rabino Rafael levantou-se e sentou-se num banco baixo com o coração dilacerado em pedaços, entoando a súplica:

"Senhor, soberano do mundo! Pai de toda carne e espírito! Você escolheu a pessoa, entregou-lhe Seu Ensinamento e nele está escrito com chama preta na chama branca: não mintam!

Você inspirou respiração em minhas narinas e minha alma obedece a Sua voz e odeia a mentira com o ódio mais forte. Você sabe como corri dela todos os meus dias e tentei dizer a verdade em casos mais simples. Você sabe como entreguei minha alma, minha respiração graças a Sua marca - a verdade. Agora que envelheci, que fiquei de cabelos brancos e a maior parte de meus anos passaram-se sem mentira, você me trouxe à provação...

Oh, Deus, minha fortaleza, tome minha alma, leve-me desse mundo dos mortais e não verei o mal... Tome minha alma, pois não suporto mais minha vida!... Senhor, soberano do mundo! Ouça e aceite minha prece!..."

A chuva cessou, o vento acalmou, as trevas aumentavam, aumentavam... A vela diminuía, tremulava, tremulava e sua luz ora apagava-se, ora acendia-se e se elevava...

A tranquilidade da morte. As savanas nubladas encobrem a alma em silêncio, o rabino Rafael estendeu seus braços e permaneceu deitado, imóvel...

Ao seu redor - como se fosse uma mão misteriosa - um estremecimento perpassou tudo o que estava à sua volta, mas seus olhos estavam fechados e seu coração em silêncio...

De repente, céu e terra e todo o seu exército adentraram a morada apertada que se ampliou, abrindo-se para cima e para

baixo; os anjos da morte entraram em multidões e com as duas asas cobriram seus rostos...

Uma vez mais reúne a vela suas últimas forças... As trevas brilhavam e a alma do homem justo esvaiu-se em sua pureza...

Trad. [ução] do heb.[raico] ant. [igo]. L. [ev] S. [emionovitch]

Comentários

[i] *Novi Put*, revista semanal dedicada a questões da vida judaica, foi publicada na língua russa de janeiro de 1916 até outubro de 1917, em Moscou (o redator da publicação era S. S. Kogan; o editor chefe, A. N. Trainin que, posteriormente, tornou-se um famoso cientista jurídico soviético, criminologista, especialista em direito criminal, membro da Academia de Ciências).

Por sua orientação, a revista *Novi Put* era uma publicação que pertencia à tendência da esquerda, o que se refletia no conteúdo dos materiais publicados, referentes aos problemas tanto da vida no interior da comunidade judaica como a questões gerais da cultura e da política. Na revista, eram publicados artigos de juristas famosos, de políticos, de ativistas da ciência e da cultura (O.I. Gruzenberg, A. M. Efros, S. G. Lozinski, G. A. Landau, Iu. I. Aihenvald, L. I. Katsnelson, entre outros).

A posição da revista, publicada em língua russa, era determinada pelos laços culturais entre judeus e russos. Como exemplo, podemos citar o artigo de A. M. Efros *Tcherrov e os judeus* e suas publicações sobre a obra de M. Z. Chagal; os artigos de E. D. Kuskova, *Os judeus e a inteligência russa*; de S. Ia. Chtrairh, *As relações judaicas de I. I. Metchnikov* e outros. A posição radical da revista sobre a questão judaica era expressa por juristas notórios como O. I. Gruzenberg (1866-1940), que se destacou como advogado nos mais famosos processos de judeus daquele tempo (acusação contra judeus da cidade de Orcha por ataques à população camponesa em função de desentendimento religioso, processo do pogrom em Kichiniov, processo de D. Blondas, processo de M. Beilis, entre outros).

Chama a atenção o fato de que uma parte significativa de autores da revista *Novi Put* possuía uma formação jurídica e, ao mesmo tempo, exercia a docência (O. I. Gruzenberg, A. N. Trainin, Iu. I. Aihenvald). Provavelmente, esse fato explica o convite a L. S. Vigotski como estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Moscou e da Faculdade de Filologia da Universidade Popular A. L. Chaniavski para trabalhar na revista. Lev Semionovitch trabalhou na revista como secretário técnico, o que é confirmado pela declaração que consta de sua pasta pessoal que se encontra no arquivo Estatal Central - TsGA RSFSR. - F. 2306. - Op. 42. - D. 499. - L. 11 (VIGODSKAIA, LIFANOVA, 1996, p. 39).

Vale destacar que, no contexto da pesquisa biográfica de L. S. Vigotski, é importante não apenas a reconstituição do fato de ele ter trabalhado na revista ao mesmo tempo em que estudava em Moscou, como também os dois momentos relevantes relatados a seguir.

Primeiramente, ao trabalhar na revista, ele não se limitava à execução da função de secretário técnico. Também era autor de uma série de publicações. Conhecemos, ao menos, 11 textos dele publicados na revista *Novi Put*; são textos de diferentes estilos e orientações: de crítica literária, tradução literária, folhetim (que, na tradição literária do século XIX, é compreendido como uma anotação analítico-sintética), peças de

publicidade, desenho-esboço do cotidiano, reportagem, comunicado. É importante dizer que essa experiência foi importante para L. S. Vigotski, no período em que trabalhou em Gomel, quando se ocupou de atividades editoriais e de crítica literária, colaborando com jornais como *Nach ponedelnik* e *Polesskaia pravda*.

Em segundo lugar, muitos autores da revista eram ativistas de movimentos sociais e políticos e expressavam suas opiniões oposicionistas. Assim, o editor chefe da revista *Novi Put*, A. N. Trainin (1883-1957), participou de atividades partidárias como membro da organização social-democrata da Universidade de Moscou. Em 1911, por ocasião das circulares do ministro da educação, L. A. Kasso (sobre a vigilância que limitava a autonomia universitária e as atividades de estudantes), juntamente com outros professores da Universidade de Moscou, ele pediu demissão e transferiu-se para o corpo docente da Universidade popular A. L. Chaniavski (1912-1918). Em função da iniciativa de L. A. Kasso, uma série de outros autores da revista pediu demissão e, entre eles, estava, por exemplo, Iu. I. Aihenvald, que orientava diretamente o trabalho monográfico de L. S. Vigotski sobre *Hamlet*, na Faculdade de Filologia da Universidade Chaniavski.

Isso permite-nos concluir que as relações interpessoais de L. S. Vigotski, na qualidade de secretário técnico da revista, influíram na formação de seus valores morais relacionados às questões não apenas da vida judaica, mas às que favoreciam a autodeterminação política. Por sua vez, isso permite falar sobre a atualização de duas linhas semânticas que predominavam no período de sua juventude: a autodeterminação nacional e política. Quando se estuda a biografia de L. S. Vigotski, verifica-se que esses dois temas, praticamente, não foram pesquisados nem discutidos; via de regra, sua vida é analisada predominantemente como uma "biografia científica" - a formação de suas ideias científicas (A. M. Etkind, 1993, M. G. Iarochevski, 1993, entre outros).

Podemos acrescentar que o próprio título da revista pode representar um interesse especial para a compreensão das especificidades dos valores morais de L. S. Vigotski no período pré-revolucionário, já que ele está relacionado à tendência específica que se formou na literatura judaica ao final do século XIX - *novi put* (novos rumos). O personagem principal das obras dessa tendência era o judeu-intelectual que rompeu com as tradições e não conseguiu realizar suas ambições intelectuais na cidade grande, longe do lugarejo natal (para mais detalhes, ver comentário 4). Aqui, é importante destacar mais um aspecto do drama de vida da autodeterminação de L. S. Vigotski: permanecer nos limites da tradição nacional-cultural ou escolher um *novo rumo* para si próprio.

[ii] "*O resgate"* - primeiramente, esse termo, de acordo com definições de dicionários, relaciona-se ao seguinte significado: *devolução* de dinheiro ou de empréstimo a juros de penhora de um bem (penhora, venda, leilão). Vale destacar que o objeto da aquisição, no caso do resgate, é adquirido em sua *totalidade* ("sem restos") e o ato de *pagamento é imediato* e não em prestações periódicas ("pagamento"). No contexto social, essa palavra é utilizada como *pagamento pela liberdade* (do refém, do prisioneiro). Em diferentes tradições culturais e nacionais, ele também está relacionado a diversos rituais: resgate da noiva, resgate do recém-nascido, etc. (*Ievreiskaia entsiclopedia*

brokgauza i efrona. [Enciclopédia judaica de brockhaus e efron], 1892).

De acordo com a tradição religiosa judaica, esse termo adquire um significado fundamental, pois a ele está relacionado o tema principal do povo judeu como o eleito por Deus: "Com efeito, eu sou Iahweh, o teu Deus, o Santo de Israel, o teu Salvador. Por teu *resgate* dei o Egito, Cuch e Sebá, dei-os em teu lugar" (Bíblia, Isaías, cap. 43:3). Vale dizer que, aqui, o *resgate* possui um significado espiritual importantíssimo, relacionado à escolha: "foi a ti que Iahweh, teu Deus, escolheu para que pertenças a ele como seu próprio povo, dentre todos os povos que existem sobre a face da terra" (Bíblia, Deuteronômio, 7:6).

Por ter retirado os judeus do Egito, Deus recebeu o direito sobre todos os recém-nascidos do povo eleito; os primogênitos são destinados a servir a Deus: "Assim, todo primogênito me pertence... Eles me pertencem; eu sou Iahweh" (Bíblia, Números, 3:13). O resgate do primogênito com o ritual de pagamento estipulado em cinco *shekel* ainda hoje é frequentemente usado nas tradições judaicas.

O importante é que Deus, ao resgatar os judeus, torna-se Redentor. No Novo Testamento, o Redentor é Cristo que, com seu sangue, resgata pessoas pecadoras do poder de satanás. A pessoa resgatada por Cristo torna-se escrava de Deus e não pode se entregar para ser escrava de outras pessoas.

[iii] "... *de "O livro dos hassídicos" - o hassidismo* (do hebraico antigo *hassid* ou *hassidus*, "justiça", literalmente, "ensinamento da devoção") foi fundado por Israel Baal Shem Tov (1700-1760). É uma corrente religiosa no judaísmo que, na primeira metade do século XVIII, envolveu o povo judeu de Rzeczpospolita Trojga Narodów (do polonês, República das Duas Nações) e de territórios adjacentes. Besht (abreviação do nome de Israel Baal Shem Tov) professava o ensinamento de servir ao Todo Superior na alegria, atribuindo à prática do judaísmo um caráter emocional peculiar. As principais ideias do hassidismo consistem no seguinte: Deus é onipresente e pouco servir-lhe é igual a servir-lhe grandiosamente; servir-lhe é melhor na alegria; em toda pessoa há algo de bom; não existe pecador que não possa ter seu pecado reparado. No hassidismo, um significado especial é atribuído à *prece emocional* que tem por objetivo atingir a comunhão espiritual autêntica com Deus.

Ideologicamente, o movimento dos hassídicos surgiu como oposição à sabedoria escolástica do judaísmo ortodoxo ao qual se contrapunham a prece alegre e a luz espiritual. O coração do ensinamento hassídico é a concepção de vida fundamentada no ímpeto religioso, no júbilo exaltado. Essa peculiaridade era especialmente sublinhada por M. Buber que destacou que a base da vida no hassidismo é a *alegria sagrada* e que todo aquele que se dedicar por completo a essa devoção pode atingir a alegria. A prescrição hassídica de conhecer a Deus de todas as formas era interpretada por M. Buber como uma ruptura com os limites das interpretações talmúdicas tradicionais, atribuindo um significado especial à ideia de servir a Deus com a ajuda de atos físicos simples (Buber, 1997).

Um diferencial do hassidismo, além da elevada emotividade e do servir a Deus em êxtase, é a popularização das bases da mística (própria da cabalística) e o surgimento de um novo tipo de líder espiritual carismático - tsadic. O "Tsadic" (nosso senhor, mestre e rabino; literalmente,

"homem justo"), com sua existência, personifica a permanente comunhão com Deus. A aproximação de Deus é possível para todos que se encontram próximos ao tsadic, reconhecem sua autoridade e se submetem às suas orientações. Ao mesmo tempo, como destacou M. Buber, o tsadic é obrigado a ajudar os hassídicos a estabelecerem a relação com Deus, mas não pode substituir as próprias pessoas, fazendo isso por elas, pois elas mesmas devem fazê-lo. A ajuda do tsadic é a *participação*.

[iv] *Mirha Iossif Berditchevski (1865-1921)* - escritor judeu; nasceu na cidade de Berchadi (Região de Podolski), na família de um rabino-hassídico da cidade de Moche Aarão, aluno e seguidor do rabino Rafael, cuja lenda embasa o conto *O resgate*.

M. I. Berditchevski recebeu uma educação religiosa comum, ocupou-se do autodidatismo e, depois, viajou para a Alemanha, ingressando na Universidade de Breslávia. Nesse período, estudou judaísmo, interessou-se por F. Nietzsche e H. Hegel. Escrevia em hebraico antigo e também em ídiche e alemão. Publicava seus textos em muitas revistas importantes que eram redigidas em hebraico, escrevia romances, novelas, ditos populares, lendas hassídicas, estudos filosóficos e críticos, peças publicitárias. No conjunto de sua obra, ocupam um lugar especial escritos dedicados ao hassidismo que, segundo ele, cria o mistério da alma que rompeu a casca das leis em extinção em nome da lei de liberdade interior: "naquele tempo, como em todo judaísmo tradicional, a personalidade deveria se submeter ao objeto. No hassidismo, que situava a criação poética acima do pensamento lógico, ao contrário, tudo estava subordinado à personalidade: "ela é a única criadora e apenas dela todas as coisas recebem sua essência" (BERDITCHEVSKI, 1902, T. IV, p. 6). Vale dizer que os pontos de vista de M. I. Berditchevski influenciaram visivelmente M. Buber, pois seus primeiros trabalhos sobre o hassidismo foram escritos no espírito do misticismo (ver *Contos do rabino Narhman*, 1906; *Lendas de Baal Shem*, 1908). Posteriormente, M. Buber analisou o hassidismo à luz de sua filosofia dialógica (ver *No jardim do hassidismo*, 1945; *Duas imagens da crença*, 1951, entre outros).

No âmbito deste artigo, vale também destacar em especial uma linha peculiar na obra de M. I. Berditchevski relacionada à descrição do tipo contemporâneo de judeu que vivenciou uma crise espiritual, determinada pela ruptura com a vida social, cotidiana e tradicional da comunidade judaica. Esse tipo de jovem homem - "talusha" (do hebraico) - diferenciava-se por ter uma vida interior intensa, rompeu com a tradição religiosa tradicional, não conseguindo realizar suas ambições intelectuais na cidade grande, longe do lugarejo natal (IUZEFOVITCH, 2011, p. 37). Em contraposição a esse mundo partido do talushe e com sua percepção de mundo como alguém inútil é que M. I. Berditchevski apresenta o mundo completo do hassidismo.

No final do século XIX, a descrição do talushe como um tipo social formulou-se na literatura judaica como uma corrente peculiar - *novi put* (P. M. Brainin, E. Goldin, A.Z. Rabinovitch, Z. Fridkin e outros). A nosso ver, é importante levar em consideração esse momento porque o título da revista semanal em que foi publicada a tradução do conto também carregava o nome *Novi put*. A semelhança entre o título dessa revista e da corrente literária acima mencionada, que tinha entre seus mais destacados representantes M. I. Berditchevski, não é casual e apresenta um contexto semântico

complementar que define a inclinação ideológica da revista em que L. S. Vigotski trabalhava e publicava seus primeiros artigos.

[v] *"... dois homens justos"* - no hassidismo, o líder espiritual (para mais detalhes, ver comentário 3). Esse conto é baseado em uma história real em que dois judeus ortodoxos devem testemunhar sobre um inocente que foi condenado à pena de morte. Os dois convidados para o tribunal foram o rabino Moche, de Savran, e o rabino Rafael, de Berchadi. Eles estavam diante de um dilema: por um lado, mentir sob juramento, o que é proibido por Lei e se configura como grande pecado; por outro, seguir o padrão que coloca a salvação da vida acima de qualquer outra prescrição da Torá. No Talmude está: "aquele que salvar uma vida, salva o mundo" (Michna, Tratado 4:5).

[vi] "*Rabino" (hebraico)* - mestre, sábio dos escritos sagrados e do Talmude dos judeus, normalmente se emprega como um tratamento respeitoso em relação ao rabino e aprovado entre os judeus asquenazi (UCHAKOV, 2009). No hassidismo, *rabino* também é o nome do líder espiritual da corrente hassídica, do "pátio" (sua localização geográfica) ou "dinastia". Por exemplo, rabino Pinhas, de Korzec, rabino Rafael, de Berchadi.

[vii] *"Rabino Moche"* - o protótipo desse herói é Zvi Bem Shimon (1775-1838), de Savrani. Como já destacamos (ver comentário 5), o conto "*O resgate"* é baseado em uma história real e bem conhecida entre os hassídicos do século XIX e início do século XX, em que dois rabinos foram chamados ao tribunal. *O rabino Moche*, de Savrani, realmente, após longas e sofridas reflexões, chegou à conclusão que a salvação da vida da pessoa vale mais do que o princípio do testemunho verdadeiro.

[viii] *"...puseram tantas mós em seu pescoço"* - mós - pares de peças redondas de pedra com um buraco no meio; a inferior é fixa e a superior (rodízio) é móvel. As mós são utilizadas em moinhos de vento e água para remoer a farinha de trigo e de outros grãos. As mós manuais, desde antigamente, eram uma parte importante dos utensílios de cada família.

Jogar o criminoso com as mós penduradas no pescoço é, desde os tempos mais remotos, o ritual da condenação à pena de morte. Assim, no Novo Testamento, podemos ler: "Caso alguém escandalize um destes pequeninos que creem em mim, melhor seria que lhe pendurassem ao pescoço uma pesada mó e que fosse precipitado nas profundezas do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos! É preciso que haja escândalos, mas ai do homem pelo qual o escândalo vem" (Bíblia, Mateus, 18:6,7).

É compreensível que a referência ao Novo Testamento não seja muito correta para a cultura judaica ortodoxa religiosa, porém, no nosso caso, estamos lidando com a literatura judaica contemporânea e sua tradução para a língua russa. Por isso, a referência a este fragmento da Bíblia é justificável, pois ele esclarece um aspecto muito importante a nosso ver. A questão é que a execução da pena, quando se joga o criminoso na água com uma mó pendurada no pescoço, está prevista exatamente para quem *escandaliza (ou seja, provoca)* por não crer em Deus.

Além da mó, como se fosse uma pedra no pescoço, podemos indicar mais dois temas que estão relacionados à pedra na Bíblia. Por um lado, é *a pedra angular*: "uma pedra de

alicerce bem firmada; aquele que nela puser a sua confiança não será abalado" (Bíblia, Isaías, 28:16); por outro, *a pedra de tropeços*, quando a palavra de Deus é deturpada para vantagem própria e tentação: "...mandamento a mandamento, mandamento a mandamento, regra à regra, regra à regra, aqui é pouco, lá é pouco..." (Bíblia, Isaías, 28:13).

Assim, o emprego de *puseram tantas mós em seu pescoço* indica uma atualização na consciência do leitor de problemas importantes no contexto semântico que estão ligados à escolha de certa norma moral. Ao analisarmos a construção dessa frase, concretamente, por L. S. Vigotski, em sua tradução, notaremos que ela também carrega duplo sentido. Por um lado, são mós penduradas no pescoço do *criminoso* condenado; por outro, são *mós* no pescoço do homem justo que está diante da escolha ("tentação") de certa norma. O duplo sentido semântico surge porque o leitor precisa definir em qual pescoço - do criminoso ou do homem justo - estão penduradas as mós. As palavras *"puseram tantas mós em seu pescoço"* podem ser analisadas como uma forma de fala indireta do rabino Moche que, sem muita clareza, indica que ele se encontra numa situação de *tentação por não crer.*

[ix] *"...a verdade é capaz de perfurar a montanha"* - o mais provável é que seja uma tradução não muito precisa da frase de Moisés: "a lei é capaz de perfurar a montanha", que está no Talmude Babilônico e em que são analisados os fundamentos da justiça relacionados aos crimes e a condenações (Tratado, 6:72). Vale acrescentar que, na enciclopédia judaica de *Ievreiskaia entsiclopedia brokgauza i efrona*. [Enciclopédia judaica de brockhaus e efron] V 86 т. SPb, 1892. T. VI. 502 c. t. XII. s. 226-227 muito utilizada por L. S. Vigotski ainda na adolescência (o que comprova seu manuscrito *A tragicomédia das buscas*, guardado nos arquivos pessoais de sua família), no artigo *Eliezer, os mestres das leis*, há uma referência direta a essa frase: "Que a Lei perfure a montanha", ou seja, o tribunal se orienta obrigatoriamente pela lei (Tratado, 66; Tratado de Ier., I, 18b). Com frequência, essa frase é comparada à expressão em latim: *Pereat mundus, fiat justitiam* que significa "que o mundo pereça, mas faça-se justiça". É possível supor que essa expressão latina fosse bem conhecida por L. S. Vigotski como estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Moscou.

[x] *"a salvação da vida elimina tudo"* - são palavras de um dos mandamentos (*pikuach nefesh* - hebraico) do judaísmo: "salvação da vida", "cuidado com a preservação da vida". Um conceito rabino que significa a salvação da vida humana quando está ameaçada pelo perigo (direto ou hipotético). Esse mandamento fundamenta-se no Talmude (Tratado 73a), tomando-se por base a interpretação de parte de um verso da Torá: "Não serás um divulgador de maledicências a respeito dos teus e não sujeitarás a julgamento o sangue do próximo" (Bíblia, Levítico, 19:16). A realização do testamento de *pikuach nefesh* é mais importante do que muitas prescrições e leis, incluindo o respeito ao sábado: "A salvação da vida *elimina* o sábado" (Ioma, 85a). De acordo com isso, afirma-se que a pessoa deve viver seguindo os testamentos e não *morrer* por segui-los (Yoma, 85b; Tratado, 74a).

No Talmude, são discutidos dois diferentes contextos: seguir esse testamento para salvação da vida de outra pessoa e segui-lo para a salvação da própria vida. A

tradição judaica admite que apenas no caso em que, diante da pessoa apresenta-se uma escolha entre a própria vida e três pecados capitais - idolatria, relações sexuais proibidas (incesto) e assassinato -, deve-se preferir a morte (Tratado, 74a-b). A morte deve prevalecer também quando a alternativa é a violação das leis da Torá em público, o que pode ser interpretado como recuo. Em todos os demais casos, o testamento *pikuach nefesh* tem prioridade. No sábado ou em dias de festa, é possível e é preciso violar todas as leis de sábado e de festas para auxiliar o doente; aqueles que salvam a vida de uma pessoa aos sábados são merecedores do mais honrado elogio.

No Talmude, é apresentada de forma penetrante a questão da escolha a ser feita pela pessoa quando precisa optar entre a salvação da própria vida ou da vida do próximo. Dá-se o exemplo de duas pessoas no deserto com apenas um cantil de água pertencente a uma delas, sendo a água o suficiente para salvar apenas a vida de uma delas. Apesar de uma parte dos mestres das leis considerar que nenhuma das duas pessoas deveria tentar salvar a própria vida em detrimento da vida da outra (ou seja, a água deveria ser dividida igualmente), predominava a opinião do rabino Aquiba, que pensava que era preciso salvar a vida de uma das duas e não dividir a água, pois senão as duas pessoas iriam morrer. Além disso, apenas o dono do cantil deveria beber a água, não tendo obrigação de dividir com a outra pessoa. Diante da pergunta dos pupilos: "A outra pessoa tem o direito de beber a água?", o rabino Aquiba formulou sua famosa lei: "Será que seu sangue é mais vermelho?" (ou "Quem te disse que teu sangue é mais vermelho?"). Essa é a regra do valor absoluto de qualquer vida. Vale uma explicação: a lenda talmúdica diz que nenhum sábio que estava no deserto com o amigo entregou seu cantil, violando assim a lei de Aquiba e foi recebido no paraíso por anjos, mas com ressalvas. Depois, contudo, foi aceito como um dos mais grandiosos homens justos. Halacá (a lei religiosa judaica) parte do princípio que não se pode imputar ao homem a obrigação de valorizar sua vida menos do que a vida do outro ou amar ao próximo mais do que a si mesmo. À continuação do verso da Torá: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Bíblia, Levítico, 19:18), a tradição acrescenta: "Não mais do que a si mesmo". É exatamente nisso que está a *liberdade de escolha* que pressupõe a *maneira de agir*; a verdade autêntica é agir acima do que é exigido pela Lei.

[xi] *"...melhor passar todos os meus dias em geena"* - o termo geena origina-se da denominação do vale dos filhos Hinom (Geh Ben-Enom, do hebraico). O vale localizava-se ao Sul de Jerusalém. No reinado de Acaz e Manassés (século VIII a.C.) havia, ali, o Tofet - local em que se queimavam crianças como oferenda ao Deus pagão Moloch; daí o ódio a esse local por parte dos judeus fiéis ao culto de Judá. O Antigo Testamento prediz que esse local seria denominado de "vale da matança" porque, lá, pássaros e animais comeriam defuntos caídos em batalha e esse seria o castigo a Judá pelas oferendas criminosas (Bíblia, Jeremias, 19:4-7). José, rei judeu (final do século VII), ao eliminar a idolatria, profanou o local, fazendo dele um lixão. De acordo com a crença popular, ali sempre ardeu o fogo em que eram queimados corpos de ladrões e hereges mortos para não serem enterrados. O vale Geh-Enom é um quadro bastante fiel que representa o local de eliminação dos pecadores, local em que *seu verme não*

morrerá e seu fogo não se apagará (Bíblia, Isaías, 66:24).

A tradução do conto de L. S. Vigotski para o russo, originalmente escrito em hebraico antigo, pressupõe também a reorientação do leitor educado na cultura cristã. Em função disso, é importante prestar atenção ao fato de que, no Novo Testamento, a palavra *geena* foi utilizada pela primeira vez por Jesus Cristo para descrever o local, predito por Deus, de eliminação de pecadores pelo fogo . Assim, *Geena,* na Bíblia, significa fogo em que, após a ressureição de Cristo, serão eliminadas as pessoas que não foram anotadas no livro da vida. O nome do vale de Bem-Enom tornou-se um termo comum - *geena* simboliza o juízo final. No Novo Testamento, lê-se: "Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei, antes, aquele que pode destruir a alma e o corpo na *geena*" (Bíblia, Mateus, 11:28). No linguajar popular, frequentemente, *geena é* empregado como Inferno, local de sofrimentos eternos; o local do castigo futuro é denominado de *geena* ou *geena de fogo*.

[xii] *"...o homem justo rabino Rafael"* - como já dissemos anteriormente (ver comentário 4), o autor do conto, M. I. Berditchevski, nasceu numa família do rabino-hassídico de Berchadi Moche Aarão, que foi discípulo e seguidor do *rabino Rafael*. A famosa história da morte do rabino hassídico Rafael de Berchadi está na base do conto "*O resgate"* e vale a pena nos determos nesse fato. A questão é que o rabino Rafael foi aluno do destacado rabino hassídico Pinhas de Korets (1728-1790), de acordo com quem, na base do serviço ao Todo poderoso, está exatamente o autoaperfeiçoamento. Assim, a formação de qualidades positivas pela pessoa e a própria erradicação de pecados e defeitos é realizada "a cada minuto e a cada instante". Conforme o ponto de vista de Pinhas, o momento central na prática de servir é a libertação das inverdades e do orgulho: "Durante treze anos, eu ensinei *minha língua a não mentir* e, por mais treze anos, ensinei-me a *falar apenas a verdade*." Ele sublinhava que seguir esse princípio é muito difícil, pois a mentira se apresenta encoberta pela verdade, escondendo as tentações ruins (*Yetser hara, hebraico*) e, apoiando-se no impulso da pessoa para a autoilusão, afirmava, paradoxalmente: "Como regra, a tentação ruim não conclama o judeu a cometer pecado. Ao contrário, se a tentação ruim tenta tirar o homem do caminho correto, ela aparecerá diante dele personificada em honestidade e justiça" (*Ievreiskie mudretsi*. [Sábios judeus], 2015).

Seguindo esse mestre, o rabino Rafael nunca mentiu e considerava que era melhor morrer do que proferir uma inverdade. "Sua honestidade autêntica levou-o à morte. Há testemunhos de que isso ocorreu. O assunto era o juramento, diante do tribunal, sobre um judeu suspeito de contrabando comercial. Era preciso testemunhar que ele não fazia parte disso. Porém, Rafael não podia fazer tal juramento, pois não estava convicto de que o judeu não era culpado. Ele chorava ao entender que era preciso salvar o judeu, mas temia uma possível mentira. Rafael já estava velho e doente; seu coração doente não suportou a provação e ele morreu" (Leguendi o smerti rabi Rafaelia [*Lendas sobre a morte do rabino Rafael]*, 2015). Essa história, com diferentes variações, foi transmitida entre os hassídicos de geração a geração. Assim, uma das versões que descreve a morte do rabino Rafael diz que ele gritava de dor pela impossibilidade de resolver seu dilema. Seu

coração estava dilacerado, teve um ataque e a alma se separou, imaculada. No dia seguinte, ao ouvir sobre a morte do rabino, o réu judeu reconheceu sua culpa. Numa outra versão, de autoria do neto de Rafael, o conto tem a seguinte narrativa. Um judeu da cidade foi condenado à morte por contrabando. Ele declarou-se inocente. O poder local, que respeitava a opinião de Rafael e sua reputação de homem justo, concordou em absolver o acusado se o rabino proferisse uma declaração sobre a inocência dele. Rafael pressentia com o coração que o homem acusado do crime era culpado e não poderia declarar sua inocência. Ao mesmo tempo, não conseguiu proferir sequer uma palavra que pudesse valer a vida do acusado. Assim, convocou seus hassídicos na sinagoga, despediu-se deles, deitou na cama de palha e pediu a Deus que lhe desse a possibilidade de morrer e, então, fechou os olhos e morreu.

Em Berchadi, ao longo de gerações sentiu-se a influência do rabino Rafael que viveu e morreu como santo. Isso se expressava nas imagens cotidianas bem-humoradas dos cidadãos de Berchadi, que não podiam dizer simplesmente "sim" ou "não", mas preferiam, temendo enganar alguém, as expressões: "parece-me" ou "penso que". É compreensível que diferentes versões da história sobre Rafael de Berchadi fossem bem conhecidas do autor do conto "*O resgate"*, M. I. Berditchevski. No entanto, um interesse especial é o fato de que, ao se apoiar em "versões cotidianas", ele as transformou artisticamente em seu conto.

Pode-se supor que o jovem L. S. Vigotski, que cresceu num meio judaico, também conhecia as versões cotidianas da "história da morte do rabino Rafael". É bem provável que um dos motivos de seu interesse em traduzir o conto "*O resgate"* tenha sido o desejo de pesquisar como e com o auxílio de quais procedimentos a "história cotidiana da morte do rabino" **se transformara em um texto literário**. E mais que isso, o trabalho de tradução desse conto, a nosso ver, pode ter contribuído para a expressão de peculiaridades da *contradição entre o material e a forma* como um princípio constituidor que se encontra na base da criação da obra de arte. Esse princípio foi apresentado por L. S. Vigotski, mais tarde, de forma desdobrada, em sua monografia *Psicologia da arte* (1925/1987).

[xiii] *"...jamais vestiu roupas estampadas, pois a aparência delas é como mentira"* - normalmente, as *roupas estampadas* são relacionadas à inconstância, a múltiplos significados, à indefinição e, às vezes, à mentira, contrapondo-se à verdade e à pureza. A importância simbólica das *roupas estampadas* era destacada por Plutarco, ao contrapor os deuses egípcios Ísis e Osíris: "Em relação à roupa, a de Ísis é estampada, pois, por pertencer à matéria, sua energia torna-se tudo e contém tudo em si: a luz e a escuridão, o dia e a noite, o fogo e a água, a vida e a morte, o início e o fim. As roupas de Osíris não aceitam a sombra e o estampado e são pura semelhança com a luz, pois o início não contém impurezas, o primário e o supersensível não se misturam" (PLUTARCO, 2006, p. 87). Em Dante, o colorido do Inferno é idêntico à fantasmagoria pecadora da mentira: "nos desenhos das manchas e nós floridos" avista-se "a imagem repugnante da mentira" (DANTE, 1992, Inferno XVII, p. 13-18). O judeu não usa roupas estampadas para se distinguir dos idólatras.

[xiv] *"...a marca do Santo, bendito seja Ele"* - uma expressão tradicional da fala dos judeus. O conceito de *santo* na Torá não é idêntico ao de *santo,* no cristianismo, em que é possível tornar santo um homem devoto e

virtuoso, santificado pela igreja (por exemplo, Serguei Radonejski, Aleksandr Nevski, Serafim Sarovski). No judaísmo, o nome de Deus é considerado tão sagrado que não pode ser pronunciado por ninguém, além do Sumo Sacerdote, que pode pronunciá-lo apenas uma vez ao ano, ao se encontrar no local Sagrado dos Sagrados do Templo (no local em ficam dispostas as "tábuas do Testamento"). Por isso, o nome de Deus é substituído pela expressão: "Santo, bendito seja Ele". Vale notar que, se for feita uma tradução literal do texto do conto, essa frase deveria soar da seguinte forma: "... Tudo está numa única palavra - verdade - e ela é a marca de Deus". Ao traduzir o texto para o russo, L. S. Vigotski tentou transmitir as especificidades estilísticas típicas e tradicionais da fala características do judeu ortodoxo, ou seja, não se utiliza o nome de Deus diretamente, substituindo pela expressão que é tradicional na fala dos judeus.

[xv] *"...e lhe entregou Seu Ensinamento"* - é o mandamento de Deus para Moisés: "Não apresentarás um testemunho mentiroso contra o teu próximo (Bíblia, Êxodo, 20:16).

Diferentemente dos mandamentos escritos na segunda tábua, dos três mandamentos anteriores ("não matarás", "não praticarás o adultério", "não roubarás"), esse não guarda relação com a ação, mas com a fala. Nele, a responsabilidade é posta no homem pelo uso do *dom da fala* que o distingue dos outros seres vivos. Vale destacar que o caso de um testemunho premeditadamente falso que leva uma pessoa à morte é visto pelo Criador como crime equivalente ao assassinato premeditado.

A escolha diante da qual está o herói do conto do rabino Rafael guarda relação com a necessidade de resolução de outro dilema: é possível mentir para salvar a vida de outra pessoa? Ou, reformulando: se, ao falar a verdade, sou responsável pelo favorecimento da morte de outro homem.

[xvi] *"...com chama preta na chama branca"* - os leitores contemporâneos podem compreender essa frase como uma metáfora, o que pressupõe, em primeiro lugar, sua reação estética a uma *imagem literária* incomum. Entretanto, além do aspecto literário, é importante levar em consideração também o contexto nacional e cultural das tradições judaicas que prevê diferenças entre a Torá escrita e falada. A escrita é a do Monte Sinai e pode ser ouvida ou lida, porém, não pode ser imediatamente compreendida. A Torá falada esclarece para a pessoa o *sentido* da palavra escrita.

A Torá inicial - Torá de Kedem - seguindo as imagens cabalísticas, antecipou-se à criação do mundo e pegou fogo diante do Superior *com chama preta na chama branca*. A chama branca simboliza todos os conhecimentos e reflete a essência do Superior; a chama preta diz respeito ao modo com que o conhecimento é dado à pessoa. A Torá de Kedem une essas duas formas numa só que pode ser atingida pelo homem. A relação da Torá falada com a escrita está na imagem "chama preta na chama branca" (Talmude de Jerusalém, Shek. 6:1; cit. de acordo com R. Cardozo). Vale uma explicação: fundo branco (que não contém nenhuma informação para a pessoa) e letras pretas. Porém, o fundo branco, de acordo com as imagens cabalísticas, é um mundo metafísico, inacessível à nossa compreensão em sua completude (é a Torá do Sinai). As letras pretas (a Torá falada) são as imagens do mundo superior descritas de forma acessível à pessoa, com roteiros de textos e

leis adequados a sua compreensão. Assim, basta apenas uma condição fundamental - esses roteiros e leis devem ser interpretados de acordo com a vontade do legislador, o que exige *Honestidade*.

[xvii] *"...não mintam"* - associa-se ao mandamento dado por Deus a Moisés (ver comentário 15), que proíbe proferir "falso testemunho sobre o próximo".

Vale dizer que, no conto, o problema se apresenta de outra forma: seria justificada a mentira em prol da salvação.

A escolha diante da qual está Rafael guarda relação com a necessidade de resolução de outro dilema: pode-se mentir para salvar a vida de outra pessoa? Essencialmente, este é o problema que é afirmado com a expressão "chama preta na chama branca" (ver comentário 16), quando é necessário interpretar a lei de acordo com a Vontade do legislador, ou seja, com o seu *espírito e não com a sua letra*.

[xviii] *"...os anjos da morte adentraram em multidões e com duas asas cobrem seus rostos..."* - para a compreensão dessa frase vale a pena a descrição do Juízo Final no Antigo Testamento: "Acima dele, em pé, estavam serafins, cada um com seis asas: com duas cobriam a face, com duas cobriam os pés e com duas voavam" (Bíblia, Isaías, 6:2). Atentemos para dois pontos que permitem precisar o sentido dos parágrafos que finalizam o conto "*O resgate"*. O primeiro guarda relação com o fato de que os anjos são os mediadores entre as pessoas e Deus; até mesmo Moisés não falava diretamente com Deus e a Lei foi-lhe transmitida pelos anjos. O segundo relaciona-se aos significados ligados à situação concreta das asas dos anjos. Assim, cobrir os pés significa obediência, cobrir a face com as asas testemunha a presença de Deus, pois sua luz é muito forte até mesmo para os anjos e, por isso, cobrem a face. Em função disso, no conto, a descrição dos anjos que cobrem seus rostos com as asas significa que, nesse exato momento, Rafael foi colocado diante do juízo celestial.

Levando em consideração os detalhes apresentados acima, a cena final adquire um sentido especial, fixando a dinâmica da alternância da mediação terrestre e celestial. Realmente, no hassidismo, o hassídico é o mediador entre as pessoas e Deus (ver comentários 3 e 5); sublinhando - *mediador terrestre*. Ao deixar a vida na terra, o hassídico perde sua função de mediador. Assim, diante do juízo celestial, o homem justo se iguala ao mortal e os mediadores celestiais (anjos) apresentam ao juízo seus negócios e formulam as palavras de sua prece. A formulação e a purificação das palavras da prece diante do Superior são uma das funções *mediadoras* dos anjos.

[xix] *"...Uma vez mais reúne a vela suas últimas forças... As trevas brilham e a alma do homem justo esvaiu-se em sua pureza..."* - nesse fragmento final, é perceptível a analogia do final da vida com a vela se apagando, que se encontra na série tradicional de imagens e não exige muitos esforços do leitor para compreensão. No entanto, vale prestar atenção à especificidade estilística desse parágrafo que surge no nível micro da organização da estrutura da expressão verbal. Assim, no início da primeira frase, nos deparamos com certas violações do estereótipo linguístico que é característico da fala cotidiana. Realmente, a habitual construção da frase seria da seguinte forma: "mais uma vez a vela reúne suas últimas forças". No entanto, como tradutor, L. S. Vigotski viola essa sequência,

mudando de lugar não apenas o verbo e o sujeito (não é a vela que reúne, mas "reúne a vela"), como também a ordem da sequência dos numerais na frase (ao invés de *mais uma vez*, é "*uma vez mais*"). Essas mudanças que, à primeira vista, podem parecer insignificantes, são extremamente importantes, pois propõem outra norma de fala comum entre o autor e o leitor ("estilo elevado"), atribuindo, assim, um significado especial e um final triunfal ao conto. Essas transformações, fixadas por nós no nível micro da organização do texto, são estilisticamente necessárias ao autor-tradutor, pois se orientam para a mesma ideia: provocar no leitor a sensação incomum e extraordinária em relação ao acontecimento do qual ele é testemunha.

Vale destacar que a **organização da posição do leitor como testemunha dos acontecimentos** é extremamente importante. Porém, além do procedimento de violação do estereótipo linguístico apontado por nós - a desautomatização da leitura do texto (sua lentidão, que surgiu na passagem para o estilo elevado) no nível léxico de organização da expressão autoral - deparamo-nos, ao contrário, com uma imagem verbal divergente que, com facilidade, provoca imagens visuais: vela se apagando. Vemos aqui uma contradição que, de um lado, garante o *afastamento* e, de outro, a *presença*. Esse conflito fornece condições de formar no leitor, ao final da leitura do conto, uma posição de *testemunha ocular* admirável.

Entretanto, o leitor não apenas reflete os acontecimentos, ele é *coparticipante* do que acontece. Essa mudança na sua posição - de testemunha ocular (contemplador) para coparticipante - é realizada por L. S. Vigotski-tradutor com a ajuda de um procedimento peculiar de organização *rítmica* do texto, em que as reticências depois da primeira frase (na entonação, é uma extensa pausa verbal) pressupõem a passagem do leitor para sua própria generalização semântica. Ele deve fazer uma inspiração profunda e encher as reticências **de si mesmo**, o que é previsto pelo autor. A aceitação dessa nova posição não se realiza mais por meio do surgimento de imagens visuais, mas devido à inclusão de palavras que são características de outra ("elevada") norma verbal, no conto. Ou seja, é a realização do mesmo princípio de desautomatização. No entanto, aqui, ao invés da violação da ordem habitual das palavras, a reestruturação ocorre no nível léxico. De fato, o verbo empregado pelo autor no texto - esvaiu-se - não é comum na fala cotidiana (também pode ser considerado de "estilo elevado").

Em vista disso, é importante prestar atenção à riqueza dos matizes semânticos que estão relacionados ao verbo *esvaiu-se*. Seguindo as definições de dicionários, significa: deixar algum local; sair; separar-se, distribuir-se; enfraquecer, adoecer de algo, chegar ao extremo grau de manifestação de algo; chegar ao fim; findar; sumir, desaparecer, ao se transformar em algo (EFREMOVA, 2005).

Notemos que todos os matizes destacados são extremamente importantes para a compreensão do final como conclusão da trajetória de vida do herói. No entanto, esse é, acredito, o nível mais simples de generalização e interpretação da imagem artística. A vela personifica a alma que luta pela vida: a vela se apagou, a alma se esvaiu.

Ao mesmo tempo, não é compreensível e é completamente inesperada a metáfora *as trevas brilham* empregada no texto. Em comparação com *a vela se apagando,* essa imagem linguística não se apresenta visivelmente. Para sua compreensão é

necessário ultrapassar os limites do texto concretamente dado e referir-se a imagens e conceitos que estão no texto do Antigo Testamento e seus comentários. Vale destacar que essa saída não é arbitrariedade do leitor-intérprete (crítico de arte, filósofo, teólogo...), mas é proposto pelo próprio texto artístico. Lembremos que, no conto, já nos deparamos com uma metáfora complexa e pouco compreensível para o leitor contemporâneo *chama preta em chama branca* (para mais detalhes ver o comentário 16), o que nos obrigou a voltar à situação inicial, antes da criação do mundo. Em outras palavras, a saída para o metanível, que pressupõe a referência aos textos da Bíblia, foi preparada com antecedência pelo autor e não é casual ao final do conto. *Chama preta em chama branca* é a imagem ("arma", em A. P. Tcherrov) que "atira", ao final da narrativa: as *trevas brilham.* Por sua vez, isso nos obriga a lembrar que Deus "habita a luz inacessível"; a morada misteriosa de Deus é denominada tanto de trevas, quanto de luz (Bíblia, 8:12; Salmos 17:12). Sem entrar em detalhes sobre a interpretação das diferenças entre judaísmo e cristianismo, vale dizer que As Trevas de Luz de Deus são o que personifica o Deus "grandioso", "inacessível" e "invisível".

Ao chegar ao final do conto, compreendemos que a alma do homem justo se apresentou diante de Deus. Sua alma "esvaiu-se em sua pureza", mas não salvou o outro do juízo e da execução terrestre. E *exatamente agora* (!), nesse momento, é necessário emitir uma opinião a respeito do comportamento. Mas essa decisão deve ser tomada pelo leitor, preenchendo as reticências que foram dispostas pelo autor no final do conto.

Ao finalizar os comentários, vale destacar de forma especial apenas duas linhas do roteiro que são relativamente independentes e que relacionamos à obra científica posterior de Vigotski-psicólogo.

1. Da tradução literária para a psicologia da arte. É comum dizer que a análise das especificidades de construção do texto literário como "máquina de sensações" começou a se formar em L. S. Vigotski quando trabalhava com a tragédia *Hamlet*, de W. Shakespeare. Entretanto, nessa mesma época (1916), ele traduziu e apresentou o conto de M. I. Berditchevski "*O resgate"*. Esse trabalho, a nosso ver, tinha para ele um significado importante, pois permitiu-lhe pela experiência própria com uma atividade literário-artística precisar e testar uma série de momentos relevantes. Eles guardam relação com a compreensão da obra de arte como uma estrutura de múltiplos níveis, em que alguns elementos isolados correspondem à ideia geral do autor e, por meio da organização da vivência emocional, atualizam processos de formação de sentidos no leitor. Isso relaciona-se tanto à semântica do significado das palavras quanto às peculiaridades sintáticas de construção de frases, de parágrafos em destaque e apresentação de todo o texto. Um papel importante desempenham a organização rítmica (emprego das vírgulas, de reticências, etc.), a presença, no texto, de imagens artístico-literárias simbólicas tradicionais ("trevas", "vela se apagando", "vento uiva", etc.), a troca de *estilos linguísticos* da narrativa ("alto"/"baixo") e a ampliação do contexto (por meio de citação direta ou de referências indiretas a outros textos: Antigo Testamento, Torá, Novo Testamento, etc.). É importante também destacar que, ao longo da tradução do conto, L. S. Vigotski praticamente encontrou o princípio-chave que, depois, seria empregado na monografia *Psicologia da arte* (1925) - a contradição

entre material e forma. Realmente, a história dos dois hassídicos foi transmitida de geração a geração como um caso da vida real da vida dos judeus de Berchadi. Entretanto, no texto de M. I. Berditchevski, esse material foi transformado com o auxílio dos procedimentos acima mencionados e enformado artisticamente. Assim, por experiência própria, Vigotski-tradutor descobriu as possibilidades de emprego de diversos meios artísticos para gerar no leitor uma reação estética específica, a vivência catártica. E mais, essa experiência de "teste" de possibilidades de um ou outro elemento foi, mais tarde, designada por ele como procedimento de *deformação experimental da forma artística da obra*. Na monografia já mencionada, ele escreve: "... toda obra de arte, naturalmente, é analisada pelo psicólogo como um sistema de estímulos, organizados consciente e intencionalmente para provocar a reação estética. Ao analisar a estrutura dos estímulos, recriamos a estrutura da reação" (VIGOTSKI, 1987, p. 27). É importante salientar que na base da reação estética do leitor encontra-se a contraposição ("sentimentos contrários") de reações afetivas que estão condicionadas ao conflito entre o material e a forma; ela leva à vivência catártica. L. S. Vigotski denomina esse fenômeno de "veneno sutil" da influência da obra literária artística sobre o leitor. No exemplo da fábula, ele demonstra que o princípio moral evidente é colocado em dúvida, nos compadecemos da gralha e não da raposa; não da formiga, mas sim da cigarra. Ao lermos o conto "*O resgate"*, como leitores, nos vemos em uma situação complexa de conflito. A atitude do homem justo não é para nós correta e justa incondicionalmente, obrigando-nos a procurar uma solução própria.

2. Da escolha moral para a atitude pessoal. A oposição presente no conto relaciona-se à solução do dilema moral, quando duas normas equivalentes de comportamento se excluem mutuamente; não é possível seguir as duas simultaneamente. Vale dizer que essa situação é muito diferente do conhecido paradoxo do asno de Buridan, que morreu de fome por não ter conseguido escolher entre dois estímulos iguais (feixes de feno). De fato, se, na lenda sobre o asno, nos deparamos com o caso de um comportamento selvagem, em que dois estímulos externos possuem a mesma força de influência (equivalência), no conto judeu, o herói precisa fazer uma escolha entre valores internos que regulam sua própria atividade: é um conflito interno, um desacordo consigo mesmo. Aí encontra-se a tragédia da existência humana, quando a situação exige a revisão de uma posição anterior e a busca de novos valores fundamentais para justificar a escolha.

Por uma via puramente lógica, o herói do conto não pode resolver esse dilema; por isso, propõe-se uma ideia especial em que ele se vê numa situação emocional que exige voltar suas preces ao Superior. Nesse caso, já não funcionam os procedimentos tradicionais de regulação do comportamento baseados seja na contradição lógica, seja no ímpeto para o elogio, para a fuga (medo) do castigo. Esse é o próprio conflito interno pessoal, quando se põe em dúvida os valores basilares e limítrofes da vida. Além disso, na fala interna do herói do conto, desdobrada em forma de "diálogo social interiorizado", essa oposição não se resolve, mas exige, repetimos, sua saída do estado de prece que está ligado à relação direta com Deus.

Ao desenvolvermos esse tema, podemos acrescentar que o conto tem um segundo plano - "oculto" - que provoca no

leitor um estado de incompletude, perplexidade. Aqui, vale voltar ao título: porque não é "A escolha" (que é exatamente o assunto), mas "O resgate"? Ao que parece, o herói principal "resgata" sua justiça devido à negligência com a vida do outro (do criminoso, pelo qual é preciso se responsabilizar), pagando, assim, pela possibilidade de apresentar-se ao juízo do Superior "em sua pureza". Porém, nós mesmos (os leitores-juízes) não podemos aceitar a legitimidade desse "resgate"; por isso, colocamos aspas, não tanto por força da necessidade estilística de destacar o título do conto, mas pela não aceitação de avaliar o comportamento do herói. É importante destacar que o problema do comportamento moral fará parte dos interesses de L. S. Vigotski, no futuro, como psicólogo profissional, como pedólogo e defectólogo. Esse tema perpassa como uma linha central também a *Psicologia da arte* (1925/1987), a *Psicologia pedagógica* (1926/1987) e os trabalhos dedicados à socialização da criança em diferentes etapas etárias (defectividade moral, etc.).

É importante destacar que o interesse de L. S. Vigotski por problemas morais do comportamento formou-se, nitidamente, no período pré-revolucionário. Certamente, para isso, não apenas a tradução realizada desempenhou um papel importante, como também os conhecimentos que obteve como estudante da Faculdade de Direito da Universidade de Moscou, visto que o problema da escolha moral se ajustava, organicamente, a diferentes períodos de estudos das leis. Vale lembrar, especialmente, o trabalho de L. I. Petrajitski *Introdução ao estudo da lei e da moral* (1908), com o subtítulo *Psicologia emocional* (PETRAJITSKI, 2015). Nesse trabalho, o autor chama a atenção, especialmente, para o aspecto emotivo-motivacional do comportamento moral que se contrapõe e não-equivale às vivências morais ligadas ao problema da escolha ("emoções provocadas"). É possível supor que o interesse de L. S. Vigotski pelo conto de M. I. Berditchevski tenha sido provocado também pelo fato de a fenomenologia dos estados emocionais em situação de escolha moral, descrita nele de forma artística, estudar esse tema.

Ao falar do interesse de Lev Semionovitch pelo problema do comportamento moral no período pós-revolucionário, é importante destacar a evolução de suas ideias. Ao discutir o problema da educação moral, em Psicologia pedagógica, ele destaca que, diferentemente da ideologia de formação do novo homem, a educação moral-religiosa tradicional era construída sobre o medo de castigos. Assim, também é possível supor que a experiência de tradução do conto *"O resgate",* feita quando ainda era jovem, não fora esquecida. Dez anos depois, ao desenvolver o tema, ele apresentou sua tese-chave sobre a educação moral do homem: a pessoa se comporta moralmente não por força de sanções externas positivas ou negativas, mas por necessidade, já formada nela, de agir moralmente numa situação de escolha. Eis-nos, aqui, a um passo do problema psicológico fundamental - o do ato pessoal em situação de escolha.

Além desses dois temas, é importante destacar que o trabalho de tradução do conto permitiu a L. S. Vigotski aproximar-se da problemática da fala interna do herói, a dinâmica de correlação da fala direta e indireta. Mais tarde, essas questões serão detalhadamente analisadas nos trabalhos de M. M. Barrtin, no contexto de inter-relações entre as posições autor-herói-leitor. Essa

relação com o trabalho do jovem L. S. Vigotski não nos parece casual. Além disso, a problemática do conto, que aborda realidades culturais "da vida dos hassídicos", permite ver com um novo olhar o papel do mediador cultural que, na concepção histórico-cultural, ocupa um dos lugares centrais. No entanto, os temas indicados ultrapassam os limites deste artigo, requerendo maiores desdobramentos e argumentos mais detalhados.

Referências

BERDITCHEVSKI, M. I. **Hassidismo**. Vosrrod, 1902, T. VI.

BIBLIA. **Knigui Sviaschennogo pisania, Vetrrogo i Novogo Zaveta** (kanonitheskie). M.: Ros. Bibl. Obsch., 2012, 1248 s.

BUBER, M. **Hasidskie predania**: predania pervie nastavniki. M.: Respublika, 1997, 335s.

CARDOZO, N. L. **Priroda ustnoi Tori**. Disponível em: <http://toldot.ru/tora/articles/articles_14678.htmlz>. Acesso em: 17 jan. 2019.

DANTE, A. **Bojestvennaia comedia**. M.: 1992, 624 s.

DOBKIN, S. F. *L. S.* **Vigotski:** natchalo puti (Vospominania S. F. Dobkina o Lve Vigotskom. Rannie statii L. S. Vigotskogo). Ierusaim: Ierusalimski izdatelski tsetr, 1996.

EFREMOVA, T. F. **Sovremenni tlkovi slovar russkogo iazika** [Dicionário moderno da língua russa]*, v 3 t*. AST: Astrel*,* 2005. T. 1.

ETKIND, A. M. Ieschio o L. S. Vigotskom: zabitie teksti i nenaidennie konteksti. In: **Voprosi psirrologuii**. 1993. № 4. s. 37-55. Periódico.

IAROCHEVSKI, M. G. *L. S.* **Vigotski:** v poiskarh novoi psirrologuii*.* SPb.: Izdatelstvo Mejdunarodnogo fonda istorii nauki, 1993. 300 s.

Ievreiskaia entsiclopedia brokgauza i efrona. V 86 т. SPb, 1892. T. VI. 502 c. t. XII. s. 226-227; 832-834. Disponível em: <https://ru.wikisource.org/wiki/ЕЭБЕ/Право >. Acesso em: 17 jan. 2019.

Ievreiskie mudretsi. Izd. Chvut Ami, 2015. Disponível em: <http://toldot.ru/tora/rabbanim/rabbanim_3444>. Acesso em: 17 jan. 2019.

IUZEFOVITCH, I. V. Lichni tchelovek i taluch. In: **Trudi po iudaike**. Vip. 2. M., 2011. S. 37. Труды по иудаике. Вып. 2. М., 2011. С. 37. Periódico.

Kratkaia ievreiskaia entsiclopedia, 1992. 940 S. Disponível em: <http://www.eleven.co.il/article/13213>. Acesso em: 17 jan. 2019.

Leguendi o smerti rabi Rafaelia. Istoria mestetchka Berchadi. Disponível em: <http://jew.bershad.org.ua/article/a-22-3.html>. Acesso em: 17 jan. 2019.

PETRAJITSKI, L. I. **Vvedenie v izutchenie prava i nravstvennosti**. Emotsionalnaia psirrologuia. Moskva: Lenand, 2015, 328 s.

PLUTARC. **Isida i Osiris**. M.: Eksmo, 2006, 464s. (Antologuia mudrosti).

SOBKIN, V. S. *K* issledovaniu poetiki tekstov L. S. Vigotskigo*.* In: VIGOTSKI, L. S**. Nautchnoie tvortchestvo L. S. Vigotskogo i sovremennaia psirrologuia**. M.: 1981, s. 143-145.

SOBKIN, V. S. Komentarii k teatralnim retsenziam Lva Vigotskogo. In: VIGOTSKI, L. S. **Teatralnie retsenzii**. M.: Institut sotsiologuii obrazovania RAO, 2015. 568 s.

SOBKIN, V. S., LEONTIEV, D. A. Psirrologuia iskusstva i psirrologuitcheskaia metodologuia v rannirh rabotarh L. S. Vigotskogo. **Vestnik Moskovskogo Universiteta,** Moscou, n. 4, p. 35-44, 1994.

SOBKIN, V. S., MAZANOVA, V. S. Kommentarii k "Teatralnim zametkam" L. S. Vigotskogo. **Kulturno-istoritcheskaia psirrologuia**, Moscou, n. 3, p. 82-96, 2014.

SOBKIN, V. S., MAZANOVA, V. S. Kommentarii k teatralnoi retsenzii L. S. Vigotskogo "Gastroli Solovtsovskoi truppi". **Dialog**, Minsk, n. 9, p. 39-48, 2014.

SOBKIN, V. S., MAZANOVA, V. S. O tchiom rasskazal gomelski "Veresk" Lva Vigotskogo: opit rekonstruktsii sotsiokulturnogo konteksta. **Voprosi psirrologuii,** Moscou, n. 6, p. 89-106, 2014.

SOBKIN, V. S., MAZANOVA, V. S. Kommentarii k statie L. S. Vigotskogo "Teatr i revoliutsia". **Kulturno-istoritcheskaia psirrologuia,** Moscou, n.1, p. 91-113, 2015.

SOBKIN, V. S., MAZANOVA, V. S. Opit kommentariev k odnoi teatralnoi retsenzii L. S. Vigotskogo. **Natsionalni psirrologuitcheski jornal**, Moscou, n. 1, p. 37-48, 2014.

SOBKIN, V. S. Vstupitelnaia statia. L. S. Vigotski: abris sotsioculturnogo konteksta. In: VIGOTSKI, L. S. **Polnoie sobranie sotchineni**, v 16 t. M.: Lev, 2015. T. 1, Dramaturguia i teatr. 10-75 s.

SOBKIN, V. S. K issledovaniu poetiki tekstov L. S. Vigotskogo. In: V. V. Davidov; V. P. Zintchenko; V. M. Munipov; L. A. Radzirhovski (Org.). **L. S. Vigotski i sovremennanai psirrologuia**. M., 1981. s. 143-145.

UCHAKOV, D. N. **Bolchoi tolkovi slovar sovremennogo russkogo iazika.** M.: 2009. Disponível em: <http://www.vseslova.com/ushakova/page/rabbi.69766/> Acesso em: 17 jan 2019.

VIGODSKAIA, G. L., LIFANOVA, T. M. **Lev Semionovitch Vigotski**. Jizn. Deiatelnost. Chtrirri k portretu. M.: Smisl, 1996.

VIGOTSKI, L. S. **Poln. Sobr. Sotch**.: V 16 t. M.: Lev, 2015. T. 1. Dramaturgia i teatr. Sost., red., vsctup. st., komm., prim. V.S. Sobkin. 752s.

VIGOTSKI, L. S. **Psirrologuia iskusstv.** Pod red. M. G. Iarochevskogo. M.: Pedagoguika, 1987. 344s.

VIGOTSKI, L. S. **Pedagoguitcheskaia psirrologuia**. Moskva: 1987.

Recebido em 30 de novembro de 2018
Aprovado em 02 de fevereiro de 2019